



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO – EDUCAÇÃO ESPECIAL: ALTAS
HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO**

ARTIGO MONOGRÁFICO

**ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: diferentes conceitos e
abordagens**

Vantoir Roberto Brancher

PROESP/SEESP/CAPES/MEC/UFSM

SANTA MARIA, RS – BRASIL

2008

ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: diferentes conceitos e abordagens

por

Vantoir Roberto Brancher

Artigo apresentado no Curso de Especialização em Educação Especial: Altas Habilidades/Superdotação do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Educação Especial: Altas Habilidades/Superdotação**.

PROESP/SEESP/CAPES/MEC/UFSM

Orientadora Prof^a. Dr^a. Susana Graciela Pérez Barrera Pérez

Santa Maria, RS, BRASIL

2008

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Pós-Graduação – Educação Especial: Altas
Habilidades/Superdotação**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Monografia de
Especialização

**ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: DIFERENTES
CONCEITOS E ABORDAGENS**

elaborada por
Vantoir Roberto Brancher

como requisito parcial para obtenção do grau de
***Especialista em Educação Especial: Altas
Habilidades/Superdotação.***

COMISSÃO EXAMINADORA:

**Profª. Drª. Susana Graciela Pérez Barrera Pérez
(Presidente/Orientadora)**

Profª. Drª. Soraia Napoleão Freitas

Prof. Drª. Valeska Fortes de Oliveira

**Prof. Ms. Cláudia Terra do Nascimento
suplente**

Santa Maria, 25 de outubro de 2008.

SUMÁRIO

LISTA DE REDUÇÕES.....	7
LISTA DE FIGURAS:	8
I. ALGUMAS PALAVRAS INTRODUTÓRIAS (...)	9
II. QUESTÕES METODOLÓGICAS	11
III. CONCEITOS E HISTÓRIAS:.....	12
3.1. Uma breve contextualização do estudo (...)	12
3.1.1 E das AH/SD algumas palavras... ..	13
3.1.2 O Brasil, alguns apanhados	15
3.1.3 As Políticas Públicas: o que dizer?	17
3.2 E do conceito o que podemos inferir:.....	21
IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS:	32

RESUMO

Artigo de Especialização
Curso de Especialização em Educação Especial: Altas Habilidades/Superdotação
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: DIFERENTES CONCEITOS E ABORDAGENS

Autor: Vantoir Roberto Brancher

Orientadora: Susana Graciela Pérez Barrera Pérez

O trabalho que se segue se insere no campo de estudos da Educação Especial, com foco na especificidade das Altas Habilidades/Superdotação. Tivemos como objetivos orientadores desse trabalho conhecer e refletir acerca do conceito de AH/SD na modernidade no contexto brasileiro. Para conseguirmos alcançá-los adotamos uma metodologia qualitativa de cunho bibliográfico, selecionando os enfoques mais sobressalentes e distintos a trabalharem com estes conceitos. Dentre os materiais coletados percebemos que não existe uma única perspectiva de conceituação e, conseqüentemente, de trabalho e enfoque para com as pessoas com AH/SD. Dessa percepção podemos inferir que muito já foi alcançado com relação às AH/SD, todavia os discursos discordantes nos apontam que muito ainda resta a ser feito pelas AH/SD no âmbito brasileiro. Não queremos consenso, nem um único discurso com relação às AH/SD; o que fica bastante destacado é que ainda precisamos conhecer com mais afinco as AH/SD para podermos estabelecer ao menos objetivos comuns.

Palavras-chave: conceitos, Altas Habilidades/Superdotação,

Santa Maria, 25 de outubro de 2008

ABSTRACT

Artigo de Especialização
Curso de Especialização em Educação Especial: Altas Habilidades/Superdotação
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

HIGH SKILLS/GIFT: DIFFERENT CONCEPTS AND APPROACHES

Author: Vantoir Roberto Brancher

Adviser: Prof^a. Dr^a Susana Graciela Pérez Barrera Pérez

The present work is included in the field of study of Special Education, focused on the specialty of High Skills/Gift. We were aimed at knowing and reflecting upon the concept of HS/G in such a modern Brazilian context. In order to accomplish them we adopted a qualitative methodology of a bibliographical sort, selecting the most evident and distinct scopes for analyzing those concepts. Between the collected materials we perceive there is not any perspective of conceptualization and, as well, of working and focusing in relation to HS/G people. From this perception, we suppose that there were a high level of achievements regarded to HS/G, however, the high divergence between the speeches reveal us that there are much to be done for the HS/G in the Brazilian context. Therefore, we do not want the full agreement, not even the convergence into a single discourse in relation to the HS/G; yet there should be highlighted that we can strengthen the knowledge of the HS/G in order to establish at least some collective goals.

Keywords: concepts, High Skills/Gift

Santa Maria 25 de outubro de 2008

LISTA DE REDUÇÕES

AH/SD	ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO
UFSM -	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CE -	CENTRO DE EDUCAÇÃO
CEDET	CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DE TALENTOS
SEESP	SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL DO MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO
PAH NAAH-S),	PESSOA COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO ¹ NÚCLEOS DE ATIVIDADES EM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO
UFF	UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
UFPR	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
UCG	UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
UNIP	UNIVERSIDADE PAULISTA
CEDET	CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DE TALENTOS
ISMART	INSTITUTO SOCIAL MARIA TELLES

¹ Utilizamos a expressão Pessoa com Altas Habilidades/Superdotação a partir de PÉREZ (2004) quando pontuamos a pessoa com AH/SD e não apenas a criança com indicadores de AH/SD.

LISTA DE FIGURAS:

Figura	Título	Página
FIGURA 01	ETAPAS DA PESQUISA	p.10
FIGURA 02	CONCEPÇÃO DOS TRÊS ANÉIS	p.20
FIGURA. 03	CURVA DAS POSSIBILIDADES	p.27

I. ALGUMAS PALAVRAS INTRODUTÓRIAS (...)

Nosso trabalho tem como objetivo conhecer e refletir sobre os conceitos de AH/SD elucidados nas pesquisas contemporâneas e suas perspectivas na modernidade. Fazemos isso no intuito de compreender o que certas produções científicas vêm indicando com relação ao trabalho do professor e às AH/SD, observando também, na medida do possível, o que essas formas de entendimento incitam em função do conceito por ele adotado. Assim, investigar esse(s) conceito(s) torna-se premente, ainda num momento em que se discute a Educação para Todos, no qual a mesma esta pautada num paradigma inclusivo, ou seja, que propõe respeitar as diferenças dos indivíduos.

Nosso problema de pesquisa estrutura-se a partir da indagação das construções teóricas que vêm sendo produzidas e direcionadas ao professor do ensino regular com relação às AH/SD no contexto brasileiro. Essa problemática se estrutura a partir das construções realizadas como educador e como especializando inquieto com as AH/SD. Assim, tentando problematizar: Quais são e o que incitam os diferentes conceitos de AH/SD no contexto brasileiro?

Já em “QUESTÕES METODOLÓGICAS” apresentamos a metodologia de coleta dos dados desta pesquisa e uma breve definição acadêmica da mesma. Concluimos este tópico apresentando um esquema com os momentos da execução da mesma.

No tópico seguinte, denominado “REVISÃO DE LITERATURA”, trabalhamos, brevemente, num primeiro sub-tópico, historicizando o campo da Educação Especial e os primórdios do envolvimento com as pessoas com alguma deficiência. No seguinte concluimos o capítulo trazendo como as políticas públicas têm conceituado as AH/SD e o que essas múltiplas conceituações têm incitado; do mesmo modo, trazemos também nesse mesmo

sub-tópico, como diferentes abordagens teóricas vêm definindo as pessoas com AH/SD, e tentamos provocar o que estas têm acarretado para este campo de atuação, estudo e pesquisa.

No último tópico, "CONSIDERAÇÕES FINAIS", tentamos, a partir dos escritos e análises, provocar algumas outras reflexões resultantes do estudo.

II. QUESTÕES METODOLÓGICAS

A pesquisa que ora apresentamos caracteriza-se como de cunho bibliográfico a partir dos trabalhos e estudos de Lakatos e Marconi (1991). Para eles, um estudo bibliográfico desenvolve-se para deixar um pesquisador em contato direto com as variadas produções e escritas cunhadas na produção cultural humana. Para os referidos autores e para Nascimento (2007), tal perspectiva de trabalho oferece meios para definir e resolver problemas conhecidos e também para explorar novas áreas de saber que ainda precisam ser aprofundadas. Assim, referendam também que uma pesquisa bibliográfica,

[...] tem por objetivo permitir ao cientista o reforço paralelo na análise de suas pesquisas. Dessa forma, a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito, mas propicia o exame do tema sob novo enfoque, chegando a conclusões inovadoras (LAKATOS e MARCONI, 1991, p.183).

Com isso, nossa investigação desenvolveu-se nas seguintes etapas:

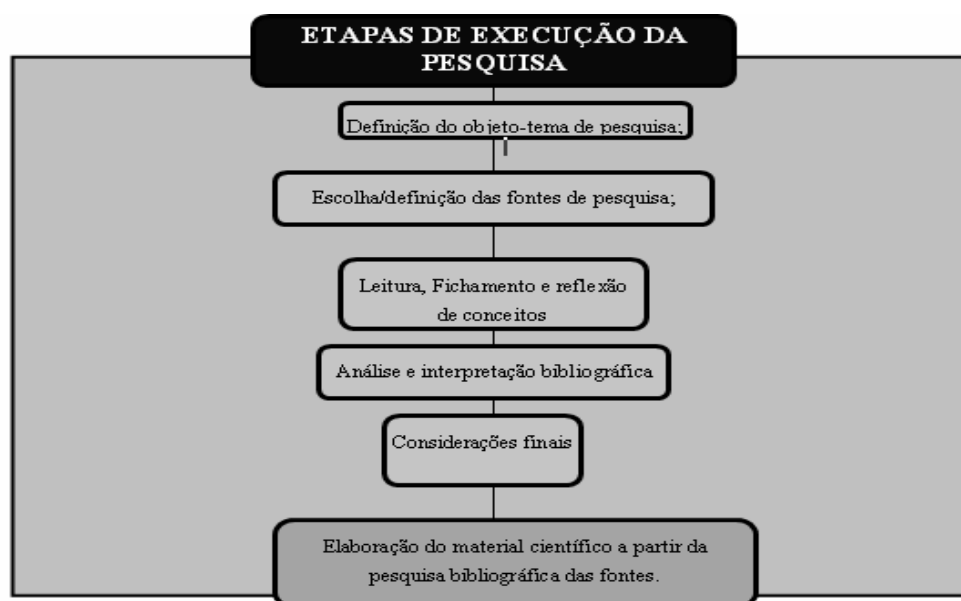


FIGURA 2: ETAPAS DA PESQUISA III.

III. CONCEITOS E HISTÓRIAS:

3.1. Uma breve contextualização do estudo (...)

Sabemos a partir de Casarin, Rampeloto e Freitas (2005), que, na antiguidade, existiram inúmeras práticas para a eliminação de pessoas concebidas como deficientes. No entendimento das autoras, a sociedade grega, especificamente a ateniense, era conhecida por prover uma educação integral aos indivíduos. O entendimento de educação integral da época concebia a idéia de uma formação de um indivíduo útil ao Estado. Assim, um indivíduo com alguma deficiência era morto ou abandonado pelo próprio pai em algum lugar para este fim.

Ainda segundo as autoras supracitadas, Esparta não tinha uma atitude muito distinta da ateniense com relação às deficiências. Segundo elas, Esparta buscava formar cidadãos para a guerra; assim, existia um conselho para verificar e encontrar estas crianças. Prática semelhante era a adotada em Roma onde os indivíduos, ao nascerem com alguma deficiência, podiam ser mortos ou largados a Margem do Tibre.

No Brasil, sabemos, que

[...] o atendimento às pessoas com deficiência teve início na época do Império com a criação de duas instituições: o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, em 1854, atual Instituto Benjamin Constant - IBC, e o Instituto dos Surdos Mudos, em 1857, atual Instituto Nacional da Educação dos Surdos - INES, ambos no Rio de Janeiro. No início do século XX é fundado o Instituto Pestalozzi - 1926, instituição especializada no atendimento às pessoas com deficiência mental; em 1954 é fundada a primeira Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE e; em 1945, é criado o primeiro atendimento educacional especializado às pessoas com superdotação na Sociedade Pestalozzi, por Helena Antipoff.

Em 1961, o atendimento educacional às pessoas com deficiência passa ser fundamentado pelas disposições da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n°.4.024/61, que aponta o direito dos

"excepcionais" à educação, preferencialmente dentro do sistema geral de ensino (BRASIL, 2008, p).

3.1.1 E das AH/SD algumas palavras...

Uma forma de tratamento, ou de observação e/ou trabalho com as pessoas com AH/SD sabemos a partir de PÉREZ (2004, p.25), quando comenta que possivelmente tenha “iniciando com a segregação, que começa a se caracterizar na Esparta, no século VI AC”. Segundo a autora,

todos os meninos recebiam instrução e treinamento em habilidades militares, que eram extremamente valorizadas e, aqueles que apresentavam Altas Habilidades/Superdotação neste campo, eram incentivados a desenvolver as artes da luta e liderança militar. (PÉREZ, 2004, p.25)

PÉREZ (2004, p.25) escreve a partir dos estudos de Colangelo e Davis (1991), que explicitam que, em Atenas, no século IV, as crianças do sexo masculino das classes mais abastadas recebiam instrução de “leitura, escrita, aritmética, literatura, história, artes e educação física”. Quando os alunos recebiam tal instrução eram contratados sofistas para ampliar suas habilidades. Outro local de “ensino” que primava pela educação dos sujeitos que se destacavam na inteligência e potencial físico foi a Academia de Platão, só que esta não fazia distinção de classes sociais e nem cobravam pelo trabalho.

Na obra de PÉREZ (2004, p.26) descobrimos que:

Na China, na dinastia Tang (618 DC), as crianças-prodígio eram enviadas à corte imperial para desenvolver seus talentos. Colangelo e Davis (1991) chamam a atenção para os quatro princípios que regiam esta seleção: 1) O conceito de Altas Habilidades/Superdotação adotado era amplo, valorizando as habilidades literárias, de liderança, a imaginação, a rapidez na leitura, a capacidade de memória, o raciocínio e a sensibilidade perceptiva; 2) reconheciam que as AH/SD não são algo estático, podendo desabrochar em diferentes momentos da vida, percebendo a diferença entre precocidade e Altas Habilidades/superdotação; 3) percebiam que as AH/SD não se desenvolvem sem um atendimento especial; e 4) entendiam que a educação devia ser disponibilizada a todas as crianças de todas as classes sociais, mas de forma diferente, de acordo a suas capacidades.

A autora continua sua obra nos ajudando a entender que muitas PAHs começaram a ser reconhecidas através de uma política social. No Renascimento europeu (s. XIV - XVIII) isso, para a autora, se deve à valorização que os governos da época desenvolveram para as pessoas que apresentassem alguma característica de AH/SD principalmente nos campos das artes, arquitetura e literatura (PÉREZ, 2004). Novaes (1979) explicita que, na Turquia, durante o século XVI, os jovens tidos como mais inteligentes e/ou mais fortes eram cooptados por emissários do imperador para receberem instrução e possivelmente tornarem-se sábios, artistas e chefes de guerra.

PÉREZ (2004, p.27) contextualiza também que

Nos Estados Unidos, as primeiras iniciativas para o atendimento de PAHs estavam baseadas na capacidade intelectual e financeira dos alunos, que freqüentavam escolas de ensino médio e superior. Em 1866, algumas escolas de Elizabeth (New Jersey) começam a acompanhar estes alunos e as escolas públicas de Saint Louis, utilizam um sistema de promoções semestrais para concluir o curso em menor tempo, a partir de 1871 A primeira escola especial para superdotados foi fundada em Worcester, Estados Unidos (1901) e as primeiras classes especiais para estes alunos começam em Los Angeles e Cincinnati (1916), Urbana, Illinois (1919) e Manhattan, New York e Cleveland, Ohio, em 1922 (NOVAES, 1979; COLANGELO e DAVIS, 1991). Esta estratégia de atendimento, segregada, ainda continua sendo utilizada nos Estados Unidos e em muitos países desenvolvidos.

Em 1905, Binet e Simon iniciam seus trabalhos buscando identificar as causas do fracasso escolar das crianças francesas; para tanto elaboraram escalas, que posteriormente foram modificadas por Henry Goddard, nos Estados Unidos, surgindo desta forma os primeiros testes de inteligência, em 1911. Terman adapta e valida os instrumentos de Binet e Simon, criando a Escala de Inteligência Stanford Entre 1925 e 1959, Terman desenvolveu um monumental estudo longitudinal, aplicando o teste e identificando 1528 crianças *superdotadas*, com um QI superior a 140, que ainda estão sendo acompanhadas ao longo de sua vida” (PÉREZ, 2004, p.27).

Conhecemos também que, a partir dos anos cinqüenta,

[...] os americanos culpavam os educadores, principalmente os progressistas pelo que julgaram ser sua derrota na corrida espacial. Insistiram, então, na necessidade de se restaurar a supostamente perdida qualidade da escola. A ajuda federal foi solicitada e recursos foram alocados para a reforma dos currículos de Ciências, Matemática, Estudos Sociais etc. Novos programas, materiais, estratégias e propostas de treinamento de professores foram elaborados e implementados. A intenção mais ampla, subjacente aos esforços, era enfatizar a redescoberta, a investigação e o pensamento indutivo, a partir do estudo dos conteúdos que correspondiam às estruturas das diferentes disciplinas curriculares. (MOREIRA e SILVA, 2002, p.12-13)

Pérez (2004) nos aponta que esse é o momento no qual se coloca em xeque o poderio americano pelo lançamento do Sputnik pela Rússia, em 1957. Assim, esse é o momento no qual inteligentemente o governo norte-americano volta-se para as PAHs, visando a que estas viessem “suprir as fileiras de cientistas, matemáticos, físicos e pesquisadores que assegurariam a supremacia do norte” (PÉREZ, 2004, p.28).

Em 1972, um outro importante fato acontece nos EUA: o Relatório Marland. O relatório foi uma encomenda do congresso, com o objetivo de conhecer, estudar as crianças com AH/SD. E é no final da década de 60 que Renzulli inicia seus trabalhos com as Altas Habilidades/Superdotação quando, em 1978, publica a Concepção da Superdotação dos Três Anéis (PÉREZ, 2004).

3.1.2 O Brasil, alguns apanhados

Em se tratando de Brasil, sabemos a partir de Pérez (2004) e Alencar (1993) que as pesquisas e os estudos com AH/SD não são tão recentes como pode parecer. Os trabalhos iniciaram-se com Helena Antipoff, que já publicava sobre o tema, na década de 30.

O interesse em organizar programas educacionais para o superdotado teve início em nosso país com o trabalho da professora Helena Antipoff, que veio para o Brasil em 1929 e que, desde os seus primeiros anos aqui, chamou a atenção para o aluno que se destaca por suas potencialidades superiores, a quem preferia chamar de bem-dotados. Esta educadora publicou vários estudos como "Primeiros Casos de Supernormais", em 1938, "Campanha da Pestalozzi em Prol do Bem-Dotado", em 1942, e "A Criança Bem-Dotada",

em 1946, estudos estes reunidos recentemente em livro organizado por Daniel Antipoff (1992). O seu trabalho na área teve início em 1945 no Instituto Pestalozzi do Brasil, no Rio de Janeiro, através de reuniões com pequenos grupos de alunos com um potencial superior para realizar com eles estudos sobre literatura, teatro, música. Alguns anos depois, a professora Helena Antipoff deu início, na Fazenda do Rosário, no município de Ibité em Minas Gerais, a um programa de atendimento ao aluno bem-dotado do meio rural e da periferia urbana, programa este que foi continuado até os dias de hoje, sob a coordenação do professor Daniel Antipoff. (ALENCAR, 2003, p. 87)

Sabemos também que, por volta de 1929 e 1931, o Instituto de Psicologia de Recife iniciava experiências pioneiras, aplicando diferentes testes na detecção de crianças com AH/SD (NOVAES, 1979). Além disso, Pérez (2004) nos coloca que, em 1931, Leoni Kaseff publica *Educação dos Super-normaes*, e Estevão Pinto, *O dever do Estado relativamente à assistência aos mais capazes*, livro que vem a ser publicado em 1932, e *O problema da educação dos bem-dotados* (1933).

A partir da autora supracitada também sabemos que

O primeiro atendimento foi implantado por Helena Antipoff, em 1945, na Sociedade Pestalozzi do Brasil, no Rio de Janeiro, que reunia alunos com AH/SD dos colégios da zona sul para estudar literatura, teatro e música (NOVAES, 1979; ALENCAR e FLEITH, 2001).

Na década de 50, em São Paulo, Julieta Ormastroni iniciou o concurso Cientistas de Amanhã e a Feira de Ciências, que ainda continua se desenvolvendo e, em 1962, na Fazenda do Rosário, em Minas Gerais, Helena Antipoff liderou uma experiência com crianças com AH/SD do meio rural e da periferia urbana que ainda continua sendo desenvolvida pelo seu filho Daniel Antipoff (NOVAES, 1979; ALENCAR e FLEITH, 2001).

Os primeiros alertas oficiais para a questão das Altas Habilidades/Superdotação aparecem em 1967, com uma comissão do Ministério de Educação, encarregada de estabelecer os critérios para identificar e atender o aluno com AH/SD, mas o movimento em prol da inclusão das AH/SD começa a ser deflagrado em 1971, após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. (NOVAES, 1979; ALENCAR e FLEITH, 2001). (PÉREZ, 2004, p.30).

Na atualidade, temos que mencionar que no contexto brasileiro diferentes enfoques têm sido direcionados aos trabalhos e estudos com as AH/SD. De modo geral, esse atendimento é realizado em centros específicos.

Talvez, possamos inferir que isso venha acontecendo através das orientações das políticas nacionais que têm direcionado estes educandos para o atendimento nos Núcleos de Atividades em Altas Habilidades/Superdotação (NAAH-S), parceria entre o Ministério de Educação e as secretarias estaduais de Educação. O atendimento também tem sido realizado em salas de recursos, como é o caso dos estados do Rio Grande do Sul, Distrito Federal e Paraná, e algumas Universidades também têm projetos em suas instituições, tais como UFF, UFPR, UFSM, UCG, UNIP. Também existem instituições privadas que têm iniciado um trabalho com estes sujeitos, como é o caso do CEDET (Centro de Desenvolvimento de Talentos), com várias unidades no País; o Instituto Social Maria Telles (ISMART), em São Paulo; e o Instituto Rogério Sternberg (IRS), no Rio de Janeiro, que oferecem atendimento direto, dentre outros, e as associações representativas da sociedade civil, que existem em diversos estados.

3.1.3 As Políticas Públicas: o que dizer?

Trabalhar com AH/SD hoje, vem apontando para a necessidade de desmitificarmos algumas idéias preconceituosas com relação a esta temática. Algo próximo do que Sarmiento (2006, p.35) vai nos trazer, “O preconceito, a recusa do diferente e a atitude de superioridade excludente podem ser vencidos no trabalho de desconstrução e reconstrução da cultura social da inserção”; ou seja, precisamos, como docentes, estarmos atentos, constantemente buscando a possibilidade da criação de um novo imaginário instituinte² em relação às AH/SD.

² Utilizo as terminologias referentes ao Imaginário Social, a partir dos conceitos de Castoriadis (1982) e Oliveira (2005), nos quais estes se referem ao Imaginário Social como sistema de sentidos que possibilitam uma compreensão da ordem/desordem vigente nas instituições sociais, revelando, assim, manifestações simbólicas, práticas sociais, crenças, sonhos ritos e mitos das sociedades.

A perspectiva que trabalhamos hoje com as AH/SD, sabemos, foi uma profícua construção que perpassou inúmeros momentos formativos e constitutivos. Se tomarmos por referência a Política Nacional de Educação Especial e as concepções que orientam as produções legais e o agir dos profissionais da área, podemos ter uma breve noção de seu entendimento com relação à educação inclusiva:

O movimento mundial pela inclusão é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação. A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à idéia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola. (BRASIL, 2008, p. 02)

Ou seja, explicita que o documento e, de modo geral, a educação inclusiva é um movimento ainda em construção e que necessita de um constante repensar. Do mesmo modo que o documento vai instigar a formulação de novas leis que implementarão outras perspectivas para com a Educação Inclusiva.

Posteriormente, o texto começa a demonstrar certa intencionalidade política e certa concepção educacional baseada nos movimentos renovadores. Tais movimentos centram-se numa perspectiva crítica da educação inspirada nas Obras de Bourdieu e Passeron, que afirmam que a educação tem sido um movimento excludente, cujos objetivos, segundo Saviani (1997), seriam legitimar a marginalidade dos oprimidos e garantir o poder dos opressores. Aponto essa reflexão a partir da afirmativa dos *Marcos Históricos e normativos* da Política Nacional de Educação Especial, na qual temos:

A escola historicamente se caracterizou pela visão elitista da educação que delimita escolarização como privilégio de um grupo, uma exclusão que foi legitimada nas políticas e práticas educacionais reprodutoras da ordem social. A partir do processo de democratização da educação se evidencia o paradoxo inclusão/exclusão, quando os sistemas de ensino universalizam o acesso, mas continuam excluindo indivíduos e grupos considerados fora dos padrões homogeneizadores da escola. Assim, sob formas distintas, a exclusão tem apresentado características comuns nos

processos de segregação e integração que pressupõem a seleção, naturalizando o fracasso escolar. (BRASIL, 2008 p. 6)

Silva (2007, p. 34) ajuda-nos a entender a concepção produzida a partir das obras de Bourdieu e Passeron, apontando que, para eles,

[...] a dinâmica da reprodução social está centrada no processo de reprodução cultural. É através da reprodução da cultura dominante que a reprodução mais ampla da sociedade fica garantida. A cultura que tem prestígio e valor social é justamente a cultura das classes dominantes: seus valores, seus gostos, seus costumes, seus hábitos, seus modos de se comportar, de agir. Na medida em que essa cultura tem valor em termos sociais; na medida em que ela vale alguma coisa; na medida em que ela faz com que a pessoa que a possui obtenha vantagens materiais e simbólicas, ela se constitui como capital cultural.

Assim, demonstra-se que, por um longo período histórico, os indivíduos estavam, e talvez, ainda estejam, nas escolas, mas não incluídos no sistema de ensino sendo, portanto, “despejados” em locais que os isolavam dos demais. Seguindo nessa mesma lógica, a obra retrata todo um processo histórico legal e de criação de leis ao longo dos tempos tentando modificar a forma de inserção do educando com necessidades educacionais especiais no ensino regular e na sociedade de modo geral.

Os autores do referido documento, posteriormente, fazem toda uma análise dos documentos legais e como foram encaminhadas as tramitações no campo da educação especial, culminando na atuação com as AH/SD.

Segundo Vieira (2008), quaisquer perspectivas que resolvamos adotar para a intervenção nas AH/SD seguirão dois grandes indicativos, que vêm sofrendo significativas alterações ao longo dos tempos, quais sejam, quem são os sujeitos desse trabalho e o que é a inteligência. Para a autora, alguns testes de inteligência mensuram apenas algumas áreas aceitas cientificamente, desconsiderando áreas que valorizam a inteligência corporal-cinestésica a criatividade, a música, dentre outras.

Em outra obra, a referida autora também menciona que identificar é apontar certo conjunto de características que irão promover a identificação de um indivíduo ou de grupos. Para ela, identificar os sujeitos com Altas Habilidades/Superdotação objetiva fomentar a própria ação educativa que vai estabelecer novas formas de intervenção que vão instigar o atendimento às particularidades dos indivíduos, além de promover o conhecimento do atendimento a este grupo distinto (VIEIRA, 2005).

Assim, para a autora “[...] a identificação deve estar baseada em uma concepção de inteligência e, em segundo lugar, ela deve ser subsidiada por uma teoria ou modelo compreensivo de altas habilidades/superdotação” (VIEIRA, 2008, p.01). Trabalhamos com conceitos de inteligência que vão muito além de potenciais cognitivos mensuráveis. Para ela, a inteligência

[...] tem estado conosco desde sempre, e a sua valoração foi sempre crescendo. Mas parece que, com o passar dos séculos, o conceito de inteligência foi-se afunilando em torno de uma função mental, uma atribuição do cérebro, na qualidade de centro gestor da capacidade humana, de processar informações e assim gerar o "conhecer". Esse esforço de "delimitar" uma definição foi cada vez mais se concentrando em torno de um ou outro aspecto, diminuindo controvérsias semânticas, mas chegando a um ponto em que a própria vida desafia esse conceito minuciosamente elaborado, dando indicações de que inteligência humana tem que ser mais do que isso, e demonstrando formas de agir inegavelmente "inteligentes", sem ser necessariamente "intelectuais". (VIEIRA, 2008, p.15).

Gardner (2000) também aponta a inteligência como potencial biopsicológico utilizado na resolução de problemas culturalmente sistematizados.

O referencial que fortemente tem permeado as abordagens por nós utilizadas centra-se nos pressupostos de Renzulli (1986); no entanto, também apresentaremos brevemente os apontamentos de Guenther (2000), que segue outra perspectiva, da qual não discordamos, apenas optando por trabalhar noutra, qual seja a de Renzulli (1986, apud VIEIRA, 2008, p. 02) que define a pessoa com AH/SD como aquela na qual se percebe a existência de,

[...] comportamentos que refletem a interação entre três grupamentos: habilidades gerais ou específicas acima da média, elevados níveis de comprometimento com a tarefa e elevados níveis de criatividade. As crianças superdotadas e talentosas são aquelas que possuem ou são capazes de desenvolver este conjunto de traços e que aplicam a qualquer área potencialmente valiosa do desempenho humano”

Assim, nos encaminhamos para as especificidades de AH/SD.

3.2 E do conceito o que podemos inferir:

Iniciar uma discussão a respeito do conceito de AH/SD necessita uma contextualização no que diz respeito a por que identificar a pessoa com AH/SD. Assim, trabalhamos este conceito não no intuito da rotulação destes sujeitos; ao contrário, para nós, a identificação tem o objetivo de oportunizar processos de aprendizagens para estes indivíduos a partir de ampla estimulação de suas potencialidades.

Sabemos que os primeiros trabalhos com relação às AH/SD em nível de Brasil foram os produzidos por Helena Antipoff (ALENCAR,1993). Desde seus tratados até a atualidade, um significativo número de estudos e autores tem tentado definir quem são os indivíduos com AH/SD e quais as possibilidades de intervenção com estes. Assim, tentaremos explicitar algumas dessas concepções analisando autores e documentos que abordem a temática e tentando destacar os diferentes conceitos trazidos nesses variados estudos.

Na atualidade, o Ministério da Educação tem produzido significativas contribuições com relação às AH/SD. Numa dessas produções, o Ministério convidou importantes pesquisadores que vêm trabalhando com a temática para realizarem estas discussões e apresentarem orientações a pais e profissionais que têm buscado melhorar a vida das pessoas com AH/SD e desenvolver suas inteligências. No primeiro capítulo de uma dessas produções, temos a seguinte afirmação:

Entre os fatores que têm contribuindo para uma atenção crescente **ao aluno que se destaca por um potencial superior** poder-se-ia citar o reconhecimento, que vem ocorrendo em distintos países, das vantagens para a sociedade que possibilita aos estudantes mais talentosos a realização de suas potencialidades. ALENCAR (2007, p.13) (grifos nossos)

Assim, em um documento que, em tese, tem o objetivo de estimular a conceituação das AH/SD, orientação aos pais e professores, parece-nos passível de interpretações a idéia de um “potencial superior” do superdotado. Como se estes indivíduos devessem, em função disso, serem privados do convívio social ou algo do gênero, que não é a perspectiva que acreditamos; ao contrário, os indivíduos com AH/SD têm especificidades como qualquer outro ser humano, que precisam ser respeitadas na sociedade na qual ele está inserido.

Ainda para Alencar (2007), o superdotado na atualidade tem ganhado um importante destaque nas pesquisas e políticas governamentais, principalmente por vivermos num momento no qual ganha visibilidade um novo conceito de riqueza. Segundo ela, na atualidade, o domínio intelectual, principalmente voltado às áreas tecnológicas, foi fator que impulsionou um novo olhar para as AH/SD.

Nota-se que ao longo das últimas décadas, os recursos naturais e o próprio capital financeiro vêm perdendo valor em relação aos recursos humanos. Especialmente os produtos de alta tecnologia tornaram-se fator importante na geração de riquezas. Esta nova fonte de riqueza depende diretamente do capital intelectual de mais elevado nível, que tem sido considerado, na atual sociedade do conhecimento, como o maior recurso a ser cultivado e aproveitado em favor da humanidade. (ALENCAR, 2007, p.13)

Também, para a autora, lapidar a idéia de um conceito de superdotação, passa necessariamente por desmitificar inúmeras concepções errôneas das AH/SD. Sabe-se que umas das confusões iniciais que acontecem com relação às AH/SD é a percepção da superdotação e da genialidade como fenômenos

humanos idênticos³. Pode-se inferir talvez que este equívoco conceitual tenha se iniciado justamente nos primeiros estudos das AH/SD, que buscavam as características do gênio nos indivíduos e se mantiveram latentes no imaginário de muitos indivíduos.

'Gênio' foi também o termo utilizado pelos primeiros pesquisadores da superdotação, como Terman, que deu início, nos anos de 1920, a um estudo longitudinal com aproximadamente 1500 crianças" (ALENCAR, 2007, p.13).

Assim, a autora lapida uma primeira terminologia. Hoje, consideram-se gênios apenas aqueles indivíduos que deixaram legados e contribuições de grande originalidade para a humanidade. A autora ainda nos ajuda a entender inúmeras outras designações deste campo de estudo. Para ela,

Os termos superdotado e talentoso têm sido usados como sinônimos por muitos especialistas da área, embora a noção de superdotação focalize mais o domínio cognitivo, como, por exemplo, um desempenho acadêmico elevado ou um marcante raciocínio abstrato. Em anos recentes, como destacado por Cropley (1993), o termo superdotado expandiu-se para incluir também desempenho elevado em música, artes plásticas, xadrez e também esportes e liderança. Observa-se que a visão da superdotação como composta por muitas facetas tem sido ponto de vista comum entre os estudiosos do assunto, que apontam para uma diversidade de talentos que estariam incluídos no termo superdotado. (ALENCAR, 1993, p.79).

Desta forma, podemos perceber que o fenômeno das AH/SD, na atualidade tem apresentado várias facetas e perspectivas, algumas delas produto de uma determinada construção histórica.

³ Para aprofundar a temática do imaginário e dos mitos com relação às PAH/SD, indicamos as seguintes bibliografias: PÉREZ, S. G. P. B. Mitos e crenças sobre as pessoas com Altas Habilidades: alguns aspectos que dificultam o seu atendimento. *Cadernos de Educação Especial*, v. 2, n. 22, p. 45-59, 2003.

_____. Da transparência à consciência: uma evolução necessária para a inclusão do aluno com Altas Habilidades/superdotados. In: SEMINÁRIO DE INCLUSÃO DE PESSOAS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTADOS. 2002, Vitória. Anais... Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2002, CD-ROM.

RECH, A. J. D.; FREITAS, S. N. Uma análise dos mitos que envolvem os alunos com Altas Habilidades: a realidade de uma escola de Santa Maria/RS. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 11, n. 22, p. 295-314, 2005.

_____. Uma revisão bibliográfica sobre os mitos que envolvem a pessoa com altas Habilidades in FREITAS, Soraia Napoleão. **Educação e Altas Habilidades/Superdotação: a ousadia de rever conceitos e práticas**. Santa Maria: UFSM, 2006, p. 61-87.

O Centro Nacional de Educação Especial publicou um livreto intitulado **Subsídios para a organização e funcionamento de serviços de educação especial**: área de superdotados, voltado ao atendimento e organização da educação especial, com um olhar específico para as AH/SD. Esse documento referia a definição adotada pela Política Nacional de Educação Especial de 1994, vigente àquela época:

São consideradas crianças superdotadas e talentosas as que apresentam notável desempenho e/ou elevada potencialidade em qualquer dos seguintes aspectos, isolados ou combinados: capacidade intelectual superior, aptidão acadêmica específica, pensamento criador ou produtivo, capacidade de liderança, talento especial para artes visuais, artes dramáticas e música e capacidade psicomotora (BRASIL 1995, p.17 b).

Atualmente, uma das teorias e concepções mais aceitas é a de Renzulli (1986; 2004), pesquisador e educador norte-americano que, na década de 70, desenvolveu a Concepção dos Três Anéis da Superdotação e também um Modelo de Enriquecimento Escolar para estes alunos. Para ele, o indivíduo com AH/SD pode ser conhecido através dos seguintes comportamentos:



FIGURA 02: CONCEPÇÃO DOS TRÊS ANÉIS

Fonte: Renzulli e Reis, 1997 (apud Virgolim 2008, s.p)

Para o autor, uma pessoa superdotada tem determinadas características específicas, quais sejam comportamentos que refletem:

[...] uma interação entre três grupamentos básicos de traços humanos - sendo esses agrupamentos habilidades gerais ou específicas acima da média, elevados níveis de comprometimento da tarefa e elevados níveis de criatividade. As crianças superdotadas e talentosas são aquelas que possuem ou são capazes de desenvolver estes conjuntos de traços e que os aplicam a qualquer área potencialmente valiosa do desempenho humano. (RENZULLI, 1986, p.11-12)

Freitas, elucidando sobre o gráfico da Concepção dos Três Anéis, explicita que,

[...] a intersecção dos três círculos simboliza uma pessoa com Altas Habilidades/superdotação em suas características – habilidades gerais ou específicas acima da média, elevados níveis de comprometimento com a tarefa e elevados níveis de comprometimento com a tarefa. O fundo do *pie-de-poule* representa os aspectos que afetam a manifestações dessas características – o ambientes (família, escola, amigos, colegas) e os fatores de personalidade do próprio sujeito, remetendo a uma interpretação dinâmica e não a uma representação estática. (2006, p.16)

Vieira, (2005, p.62-63) brilhantemente clarifica estes conceitos apresentando:

a) habilidades acima da média - expressão utilizada para descrever o potencial de desempenho representativamente superior, em torno de 15 a 20%, de qualquer área determinada do esforço humano e que pode ser caracterizada por dois aspectos: habilidade geral e específica. A *habilidade geral* consiste na capacidade de processar as informações, integrar experiências que resultem em respostas adequadas e adaptadas às novas situações e à capacidade de envolver-se no pensamento abstrato. As *habilidades específicas* consistem nas habilidades de adquirir conhecimento, destreza e habilidade para o desempenho de uma ou mais atividades especializadas e dentro de uma faixa restrita.

b) envolvimento/comprometimento com a tarefa - forma refinada ou focalizada de motivação, que funciona como a energia colocada em ação em relação a uma determinada tarefa, problema ou área específica do desempenho. Renzulli (2000) refere que a inclusão desta característica no conceito das altas habilidades/superdotação não é nova e cita estudos anteriores, como os de Galton e os de Terman, que indicam claramente a motivação como parte importante na atuação desses sujeitos. O estudo longitudinal de Terman, para Renzulli (2000), representa a investigação mais importante, amplamente reconhecida e mais citada, no que se refere às características das pessoas com altas habilidades/superdotação. Salienta que esse estudo apresenta dois períodos e que, geralmente, as pessoas fixam-se no primeiro, esquecendo-se que suas conclusões foram progressivamente se modificando, em função das características da

própria investigação longitudinal. Assim sendo, Renzulli (2000) ressalta que algumas destas conclusões devem ser consideradas e destaca aquela que se relaciona com os fatores de personalidade, determinantes extremamente importantes para o êxito das tarefas, tais como: “[...] *persistência na finalização dos trabalhos, integração dos objetivos, confiança em si mesmo e carência de complexo de inferioridade*” (RENZULLI, 2000, p.59)

c) criatividade - Renzulli (1986) refere que este terceiro grupo de traços é característico de todas as pessoas com altas habilidades/superdotação. Segundo Alencar e Fleith (2001), assim como na inteligência, na criatividade também se verifica uma diversidade de posições em relação à sua concepção. As autoras, entretanto, através da análise de diversas definições, salientam que um aspecto é comum a todas: o surgimento de um produto novo, reconhecido como satisfatório ou apropriado em sua cultura.

Se buscarmos aprofundar a idéia da criatividade, no dicionário Houaiss digital da língua portuguesa (2004, s. p.), encontraremos:

□ substantivo feminino

1 qualidade ou característica de quem ou do que é criativo

2 inventividade, inteligência e talento, natos ou adquiridos, para criar, inventar, inovar, quer no campo artístico, quer no científico, esportivo etc.

3 Rubrica: lingüística.

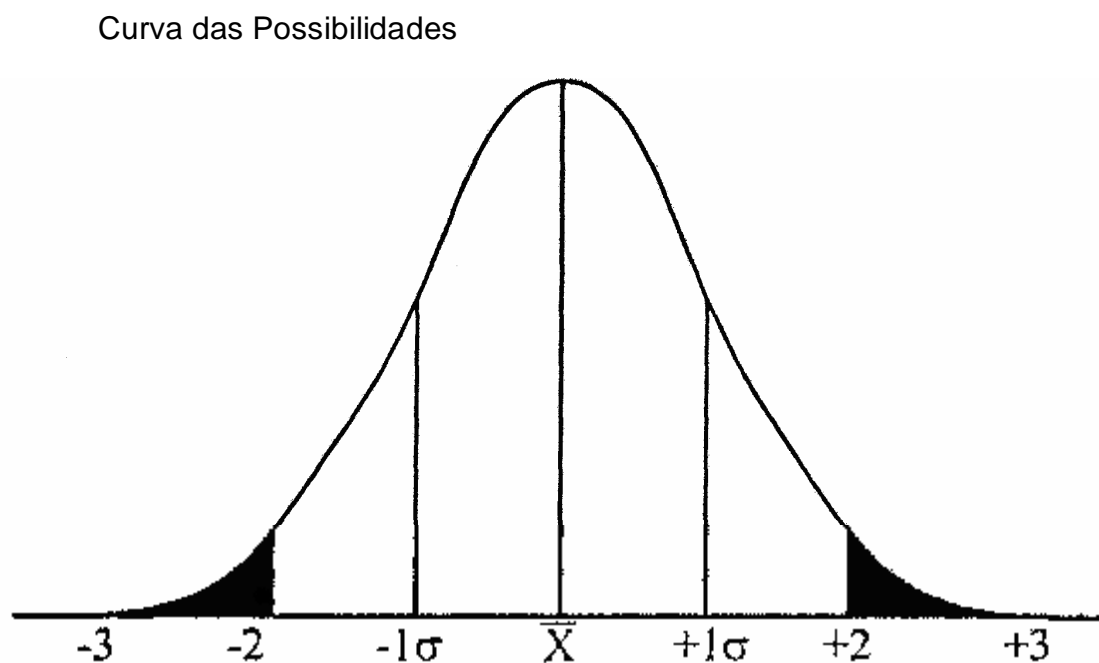
capacidade que tem o falante de produzir e compreender um número imenso de enunciados, mesmo aqueles que não tinham sido por ele ouvidos ou pronunciados anteriormente [Decorre da competência lingüística, que é o conhecimento intuitivo que todo falante possui dos princípios e regras da sua língua].

Ostrower (1987) vai definir criatividade como o ato de criar ou formar alguma coisa. Assim, esta especificidade não pode ficar restrita a um único campo. Para ela, este ato integra a capacidade de compreender que apresenta, intrínseca, a idéia de relacionar, ordenar, configurar e produzir significados.

Outra perspectiva de trabalho com as AH/SD é a trazida por Guenther, professora e pesquisadora que atualmente trabalha no Centro de Desenvolvimento de Talentos (CEDET) e é Professora convidada da Universidade Federal de Lavras, dentre outras atividades. Para entendermos sua conceituação, precisamos mencionar que ela compreende a Educação Especial como uma subárea da Educação que tem por objetivo cuidar especificamente dos indivíduos que se encontram nos extremos da distribuição

das características relevantes ao processo educativo. Segundo ela, esses indivíduos estariam numa faixa de probabilidade de 3 a 5% da população (GUENTHER, 2000).

Ela inclusive cria um gráfico que intitula Curva das Possibilidades explicitando estes percentuais:



$\bar{X} - 1$ a 1 : Média – 66 a 70 % da população
 -1 a 2 : Abaixo da média – 9 a 13 % da população
 $+1$ a $+2$: Acima da média - 9 a 13% da população
 -2 a -3 : Excepcional inferior - 3 a 5% da população
 $+2$ a $+3$: Excepcional superior -3a 5% da população

FIGURA 03 - CURVA DAS POSSIBILIDADES

Fonte: GUENTHER, 2000, p.30.

Para a autora, as pessoas com AH/SD recebem outra nomenclatura: *Bem-dotados* ou *Talentosos*, pela qual compreende que, quando falamos nelas estamos nos referindo aos,

[...] 3 a 5% da população que são acima da média, em uma característica valorizada pela nossa cultura e momento atual, e de tal modo se sobressaem nessa característica que **não** acompanham o caminhar médio do seu grupo de pares. Por isso precisam de alguma coisa a mais, o que lhes é oferecido pela área da educação especial (GUENTHER, 2000, p. 30).

Assim, diferindo da perspectiva adotada por Renzulli, parece-nos que esta forma de olhar a superdotação não consegue olhar as múltiplas perspectivas de inteligência, centrando-se apenas em alguns domínios mais aceitos na atualidade.

Nas Diretrizes Gerais para o Atendimento Educacional aos Alunos Portadores de Altas Habilidades/superdotação e Talentos temos a seguinte definição de AH/SD,

[...] altas habilidades referem-se a comportamentos observados e/ou relatados que confirmam a expressão de "traços consistentemente superiores" em relação a uma média [...] em qualquer campo do saber ou do fazer. Deve-se entender por "traços" as formas consistentes, ou seja, aquelas que permanecem com frequência e duração no repertório dos comportamentos da pessoa, de forma a poderem ser registrados em épocas diferentes em situações semelhantes. (BRASIL, 1995, p. 13 a).

Nesse conceito podemos ver uma forte inspiração nos trabalhos de Renzulli, pois toma a idéia de traços superiores em quaisquer áreas do saber e do fazer; além disso, também nos traz que a identificação destes sujeitos deve considerar a frequência e a duração dos comportamentos individuais, rompendo com uma idéia de superdotação apenas nos campos lógico matemático e lingüístico numa tentativa de respeito às múltiplas inteligências e potenciais humanos e confirmando a idéia de que as AH/SD somente podem manifestar-se quando existem oportunidades para que isso ocorra.

Em 2001, temos uma nova publicação que propicia outra forma de olhar as AH/SD; para a Secretaria de Educação Especial do Ministério de Educação (SEESP), os educandos com AH/SD são indivíduos com

[...] grande facilidade para aprendizagem que os leve a dominar rapidamente os conceitos, os procedimentos e as atitudes e que, por terem condições de aprofundar e enriquecer esses conteúdos, devem receber desafios suplementares em classe comum, em sala de recursos ou em outros espaços definidos pelos sistemas de ensino, inclusive para concluir, em menor tempo, a série ou etapa escolar. (BRASIL, 2001, p. 39).

Aqui, pensamos adequado destacar, que o conceito adotado quanto à definição deste sujeito parece-nos pertinente. No entanto, talvez tenhamos que pensar que esta definição esteja levando em consideração apenas os aspectos cognitivos deste sujeito deixando, os aspectos emocionais e afetivos um tanto que esquecidos.

Assim, podemos perceber uma variedade de publicações e escritos que abordam as AH/SD em nível de Brasil. Todavia, o que talvez precisemos perguntar é como tais escritos têm influenciado a vida dessas pessoas e das pessoas que têm trabalhado com elas. Brevemente podemos perceber que não existe consenso sobre as AH/SD. Nesse sentido há que se definir quem são nossos sujeitos de trabalho, o que precisam e quais são suas especificidades. Com isso, parece-me que urge a necessidade de uma ampla discussão do que queremos e o que precisamos para as AH/SD numa busca por um não desperdício de inúmeros talentos e habilidades de nossa população. Precisamos de um amplo movimento nacional de discussão do que são as AH/SD para que possamos conjuntamente trabalhar de forma mais adequada e profícua com estes sujeitos. O que não significa que tenhamos que permanecer sempre com uma mesma definição, tendo em vista que um conceito é uma criação humana e, portanto, passível de mudanças e ou adequações, segundo Alencar (1993).

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluir um trabalho, normalmente “o que será a normalidade?”, para um grande número de pesquisadores e escritores, significa apontar os achados da pesquisa e as grandes inferências produzidas pelo mesmo. Neste trabalho, a grande inferência é de que ainda temos uma longa jornada pela frente. As AH/SD são um locus de estudo e pesquisa pouco explorado e pouco conhecido e cabe a nós, professores e pesquisadores trabalharmos nessa empreitada. Assim, nossa inferência maior gira em torno da percepção de que muito há para ser feito, principalmente quando não conseguimos definir com precisão nossos interlocutores. Não basta que saibamos que as AH/SD são uma temática e uma área de estudo que têm efervescido na modernidade e que inúmeros trabalhos e pesquisas estão sendo realizados buscando uma melhoria no atendimento e no “aproveitamento” destas inteligências. Precisamos ir além, precisamos mais. Mas nada foi feito? Não Muito já foi feito! Temos visto significativo progresso tanto em nível de estudos que estão se realizando, quanto de questões que, percebemos, ainda necessitam ser trabalhadas. Mudanças se fazem necessárias, mas o que mudar? Mudar a forma de olhar, mudar a forma de atuar, mudar o jeito de sentir, mudar a forma de abordar. Como mudar? Mudar entendendo, mudar olhando, mudar conhecendo. Conhecendo a si e ao outro, conhecendo o que tem se realizado em prol das AH/SD no Brasil e no mundo.

Foi nesse sentido que tentamos trabalhar, olhando o que se tem produzido academicamente com relação às AH/SD. Desse trabalho pode-se concluir que existe uma multiplicidade de perspectivas de olhar e, conseqüentemente, de trabalhar com as pessoas que apresentam AH/SD; o que, ao contrário do que pode parecer, não é ruim, é produtivo. Do confronto entre teorias e saberes (que têm, por sinal, um objetivo comum, qual seja pensar um fazer melhor para as pessoas com AH/SD), podemos produzir novos

fazer e saberes para este trabalho. Isso não significa que não precisemos delimitar nosso campo de atuação e nossas perspectivas de trabalho.

Assim, pode-se perceber que, além de criarmos diretrizes e normativas que obriguem a inclusão nas escolas, precisamos de um amplo movimento inclusivo, mas também formativo. Os professores necessitam de incentivos para a formação continuada e a preparação para a multiplicidade. Esses incentivos perpassam necessariamente por um amplo processo de valorização e formação professoral, processo esse que culmina num trabalho de qualidade também para as PAH/SD.

Então, aqui podemos fazer duas grandes inferências: precisamos urgentemente de seminários, eventos, grupos de estudo, para que os estudiosos das AH/SD consigam delimitar as necessidades e perspectivas de atuação e precisamos atuar na formação continuada dos professores, entendendo essa como um processo amplo que deve iniciar dentro das escolas.

Embora saibamos que um artigo monográfico se finde, por uma necessidade institucional, queremos deixar explícito que compreendemos que o término não significa nunca uma finalização das atividades. Compreendemos o processo de pesquisa e aprendizagem como momentos que nunca se concluem, no qual etapas não se encerram e o processo continua e ganha novas formas e lapidamentos. Novalis (apud QUILLET, 1977, p.14) assim explicita “O verdadeiro pesquisador jamais se torna velho; toda paixão eterna está fora do domínio da vida, e quanto mais o invólucro exterior murcha e resseca, mais o núcleo se torna claro, brilhante e possante”.

REFERÊNCIAS:

ALENCAR, E. M. L. S. de. Indivíduos com Altas Habilidades / Superdotação: Clarificando Conceitos, Desfazendo idéias Errôneas. In FLEITH, Denise (Org.). **A construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades /Superdotação**. Volume 1: Orientação a Professores. Brasília: MEC/SEESP, 2007.

ALENCAR, E. M. L. S. de. PERSPECTIVAS E DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DO SUPERDOTADO. **Em Aberto**, Brasília, ano 13, n. 60, out./dez. 1993. p. 77 -92.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Brasília: MEC/SEESP, 2001.

_____. Ministério de Educação. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes gerais para o atendimento educacional aos alunos portadores de altas habilidades/superdotação e talentos**. Brasília: MEC/SEESP, 1995a.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. **Subsídios para a organização e funcionamento de serviços de educação especial: área de altas habilidades**. Brasília: MEC/SEESP, 1995b.

CASARIN, M. de. RAMPELOTO, E.M.; M.; FREITAS, S. N. **Fundamentos da educação**, Universidade Federal de Santa Maria, Cadernos do Curso de Graduação em Educação Especial, Santa Maria, 2005.

CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

DICIONÁRIO DIGITAL Houaiss. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. Cd-rom.

FREITAS, Soraia Napoleão. Introdução. in FREITAS, Soraia Napoleão. **Educação e Altas Habilidades/Superdotação: a ousadia de rever conceitos e práticas**. Santa Maria: UFSM, 2006, p. 15-19

GARDNER, H. **Inteligência**: um conceito reformulado. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

GUENTHER, Zenita Cunha. **Desenvolver capacidades e Talentos**: Um conceito de Inclusão. Petrópolis: Vozes, 2000.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

MOREIRA, Antonio F., SILVA, Tomaz T. **Currículo, cultura sociedade**. São Paulo: Cortez, 2002.

NASCIMENTO, C. T. **A hospitalização escolarizada: possibilidades de atenção à aprendizagem infantil em contexto hospitalar**. Monografia de Especialização, Curso de Especialização em Educação Especial, UFSM, Santa Maria: 2007.

NOVAES, M. H. **Desenvolvimento Psicológico do Superdotado**. São Paulo: Atlas, 1979.

OLIVEIRA, V.F. de. **Imaginário Social e a Escola de Ensino Médio**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

PÉREZ, S. G. P. B. **Gasparzinho vai à escola**: um estudo das características do aluno com altas habilidades produtivo-criativo, 307 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

QUILLET, P. (ORG). Introdução ao pensamento de Bachelard. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1977.

RENZULLI, J. O que é esta coisa chamada Superdotação e como a desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos. **Educação**, nº 1, v.52, p.75-131, jan/abr, 2004.

_____. The three-ring conception of giftedness: a developmental model for creative productivity. In: RENZULLI, J.S.; REIS S. **The triad reader**. Connecticut: Creative Learning Press. 1986. p. 02-19.

SARMENTO, Manuel J. **Imaginário e culturas da infância**. Texto produzido no âmbito das atividades do Projeto “As marcas dos tempos: a interculturalidade nas culturas da infância”, Projeto POCTI/CED/2002. Disponível em <projectos.iec.uminho.pt/promato/textos/ImaCultInfancia.pdf>. Acesso em 12 out. de 2006.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**: polêmicas do nosso tempo. São Paulo: Autores associados, 1997.

SILVA, Tomaz T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VIEIRA, N. J. W. “**Viagem a Mojáve-Óki**”! Uma trajetória na Identificação das altas habilidades/superdotação em crianças de quatro a seis anos. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

_____. **Processo de Identificação das AH/SD**. Material pedagógico elaborado pela professora para o Curso de Especialização. Santa Maria, 2008 (Digitado).

VIRGOLIM, A.M. R. **O Modelo de Enriquecimento Escolar de Joseph Renzulli**. Disponível em <http://www.ismart.org.br/downloads/20050905_conceitos_fundamentais.pdf>. Acesso em 24 ago. de 2008.